

## Carta sobre Escrita – 8

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Há uma questão que talvez seja universal: sobre que devo escrever? Já falámos disto, mas vale a pena voltar ao assunto.

A interrogação supõe que há um “dever” de escrever sobre alguma coisa, o que não é de todo claro. Mas talvez possamos desdobrar a pergunta e torná-la mais específica: sobre que deve escrever um escritor africano? Ou europeu... ou asiático... ou de qualquer outra origem.

A única resposta legítima é que não há uma obrigação de escrever, ou não escrever, seja sobre o que for. Qualquer pessoa, desde que saiba, pode escrever – ou falar – sobre o que sentir necessidade e não escrever (ou falar) sobre o que não quiser fazê-lo. Importante é escrever sobre o que de dentro de si pede para chegar à escrita. E é tanto mais importante escrevê-lo quanto mais esse apelo vier com um carácter de urgência.

O universo da escrita é aberto a todos. O campo social e político é que, aqui ou além, é fechado a certos temas e problemas. Talvez nesses casos haja mais obrigação, ou talvez desafio, de enfrentar essas limitações, mas isso depende já de cada um.

Podemos dizer, sem medo, que um qualquer escritor, jovem ou sénior, se estes rótulos podem fazer algum sentido, ao escrever está a deixar uma marca na história da literatura universal. A verdade, porém, é que, na imensa maioria das vezes, essa marca não passa de um leve risco na areia junto ao mar. A próxima subida da maré ou uma simples rajada de vento apaga o que ainda há pouco era nítido. Posso escrever qualquer coisa, mas não é fácil deixar algo que valha a pena ser lido. Há cerca de 5.000 anos que milhões e milhões de pessoas dão o seu contributo para o depósito universal da escrita. Não é fácil acrescentar sequer um tijolo a esta construção. Mas há um princípio que vale a pena ter em conta: quanto mais geral for um tema – o amor ou o ciúme, a paz ou a guerra, a revolta ou a submissão... – mais difícil é dizer alguma coisa com interesse. Banalidades são poeira, mais que isso exige intenso trabalho de garimpo.

Pelo contrário, é do maior interesse pegar num tema e trabalhá-lo nas cores de uma situação particular. Por exemplo, é universal a necessidade sentida pelos jovens de encontrarem alguém com quem partilhar a vida a dois. Mas, conforme o lugar e o tempo, esse problema ganha contornos particulares. Contar ou dar a ver um caso singular, com as suas características locais, é contribuir – acrescentar um tijolo – para a abordagem desse tema universal. E, se for bem escrito, vale a pena ser lido.

Cada um de nós vive múltiplas dimensões da vida, cheias de particularidades do lugar. Cada um de nós pode, por isso, contar um episódio único, que, por ser singular, dá a ver a uma outra luz a diversidade das formas humanas de ser e relacionar-se.

Também cada um de nós, ao escrever, passa a integrar uma tradição, uma literatura. Eu, que escrevo estas linhas, nunca farei parte da literatura chinesa ou africana. Mas ainda posso vir a fazer parte – se escrever alguma coisa importante – da literatura sobre a China ou sobre África.

Não, vamos ser mais objetivos: se eu escrever alguma coisa sobre a China ou sobre África no geral, é quase certo que só direi banalidades, pois uma voz inteligente e esclarecida apenas com muito trabalho pode ganhar corpo. Contudo, se eu escrever um bom texto sobre uma única cidade, ou melhor ainda, sobre um aspecto que vivi de modo intenso numa cidade da China ou de África, é possível que eu até fique na história das referências externas a essa cidade. E talvez chame a atenção para um aspeto sobre o qual ninguém tenha escrito e acrescente um novo ponto de vista que interessa a todas as outras cidades.

Dito de outro modo: o mais particular pode ser também o mais universal.

Ser jovem escritor africano é ter, à partida, uma experiência singular num contexto específico. Talvez, por exemplo, tenha vivido uma experiência de adaptação ou inculturação que vale a pena contar. Outro exemplo, ainda mais específico: como é vir de um país africano e entrar numa universidade portuguesa? Há histórias exemplares.

Quer então dizer que se deve escrever sobre isso? Não, não se “deve” escrever sobre nada. Digo apenas que cada um tem à sua mão um campo de experiência sobre o qual há muito que vale a pena dizer.

Ser escritor africano é, por natureza, participar de um universo social e cultural, o africano, com todos os seus temas e problemas. Enuncio apenas três, muito gerais: a escravatura, o racismo e o futuro de África. Além destes, há outros mil, como por exemplo os novos estatutos da mulher e do homem, os tabus herdados da tradição, o futuro das línguas étnicas africanas, as formas de exercício do poder em África, a preservação das narrativas simbólicas da tradição, a forma como as cidades africanas estão a viver a crise climática, a redefinição da identidade de um povo ou de uma cidade neste tempo de permanente mutação, e por aí adiante. A questão pode resumir-se assim: tens alguma coisa a dizer sobre algum dos mil assuntos com que os africanos se debatem ou as tuas preocupações são completamente outras (e não menos legítimas)? Quero eu dizer que escrever é situar-se, é definir o seu lugar no mundo, com os seus temas e problemas. Digo eu. Mas cada um sabe de si. O valor – para os outros – da escrita de um autor tem muito a ver com estas e outras dimensões. Vale a pena pensar nisso. E vale a pena ler um grande escritor, por exemplo africano, e perceber em que é que a sua obra é importante – para os africanos e para os não africanos.

Julho de 2022  
José Alves Jana